

“A MÁQUINA FAZ TUDO”: ACELERAÇÃO, REIFICAÇÃO E APRISIONAMENTO NOS TEMPOS MODERNOS

“THE MACHINE DOES EVERYTHING”: ACCELERATION, REIFICATION, AND IMPRISONMENT IN MODERN TIMES

Josemar Medeiros Cruz¹

RESUMO

Na educação básica, o ensino dos componentes curriculares faz uso de objetos de conhecimento com intuito de desenvolver competências cognitivas, a fim de que o educando construa sua sociabilidade com autonomia e seja capaz de refletir sobre si e o mundo. Nas Ciências Humanas a apropriação de algumas categorias de pensamento são essenciais, entre elas o tempo. Nesse sentido, defendo a importância de se intensificar a aprendizagem das noções de temporalidade nas aulas de Filosofia, em especial no atual contexto de aceleração social. Além disso, reflito neste artigo sobre o processo de reificação da vida a partir da combinação humano-máquina e sua relação com a maneira como a passagem do tempo é percebida. Para isso, proponho como recurso didático-mediador o filme *Tempos Modernos*, escrito e dirigido por Charles Chaplin.

Palavras-chave: Temporalidade. Aceleração Social. Ensino de Filosofia. Cinema.

ABSTRACT

In basic education, the teaching of curricular components makes use of objects of knowledge to develop cognitive skills, so that the student builds his sociability with autonomy and can reflect on himself and the world. In the Human Sciences, the appropriation of some categories of thought is essential, including time. In this sense, I defend the importance of intensifying the learning of the notions of temporality in Philosophy classes, especially in the current context of social acceleration. Furthermore, I reflect in this article on the process of reification of life from the human-machine combination and its relationship with the way in which the passage of time is perceived. For this, I propose as a didactic-mediator resource the film *Modern Times*, written and directed by Charles Chaplin.

Keywords: Temporality. Social acceleration. Philosophy Teaching. Cinema.

¹ Mestre em Ensino de História. Especialista em Ensino de História, Ensino de Filosofia e História Social. Graduado em História. Graduando em Filosofia e pós-graduando em Ensino de Sociologia. Professor de História da rede estadual do Ceará e do município de Brejo Santo. Coordenador do grupo de estudos Planejando com cinema e editor do site O tempo no cinema. josemardmc@yahoo.com.br.

No dia 28 de dezembro de 1895, no salão indiano do Grand Café do *Boulevard des Capucines*, em Paris, os irmãos Auguste e Louis Lumière organizaram aquela que é considerada a primeira sessão de cinema. Na ocasião foram projetados alguns pequenos registros em movimento do cotidiano, além de inusitados exercícios de narrativa fílmica que ajudariam a construir a linguagem futura da chamada sétima arte, como definiria em 1911 o crítico italiano Ricciotto Canudo. E entre essas desprezíveis representações, havia o momento em que trabalhadores de uma fábrica² ganhavam liberdade depois de um dia de trabalho.

Mesmo que não tenha tido a intenção de construir uma rima visual tomando como base essa cena, outro ícone da cultura fílmica, Charles Chaplin, iniciou uma das suas mais conhecidas películas, *Tempos modernos*, com uma ação exatamente oposta. No filme que lançou em 1936, vemos operários dirigindo-se apressadamente para dentro do prédio onde trabalham. Ao contrário da feliz trilha de acompanhamento, posteriormente composta para o filme dos Lumière, o que se ouve na obra de Chaplin é um som enervante, quase aterrorizante, pulsando no ritmo dos passos frenéticos que a montagem sugere ser o de operários temendo o atraso, impressão reforçada pela imagem de um relógio que se aproxima das seis horas.

Nessas duas amostras das primeiras décadas do cinema, é possível reconhecer uma transformação substancial. Da simples captação de um instante, não mais congelado pelo efeito do registro fotográfico, o cinema àquela altura já demonstrava sua potência como arte, capaz de problematizar a realidade social. Portanto, constituindo-se ao longo dos anos seguintes como uma fonte essencial para apreender os contextos em que foram feitos, os filmes deixam marcas discursivas em suas imagens e sons. Porém, algumas obras são atemporais naquilo que nos dizem sobre a condição humana e os fenômenos com os quais lidamos. Aliás, na legenda que se sobrepõe ao relógio lemos que em *Tempos modernos* vamos ver representada a busca pela felicidade, uma história da indústria e do empreendimento humano.

O filme de Chaplin possui uma narrativa episódica. Apesar de haver um elo causal entre as sequências, a história apresenta quatro momentos que envolvem o protagonista, o atrapalhado Carlitos. É na primeira dessas situações que o enredo captura uma característica essencial para se compreender a vida moderna: a transformação causada pela indústria e mais especificamente os meios de produção fabris nas estruturas temporais da sociedade. Com efeito, na maneira com lidamos e significamos o tempo. E, não obstante ser um fenômeno já estabelecido no começo do século XX, é na atualidade que as cenas do filme lançado em 1936 parecem mais reais e menos hiperbólicas. De certa maneira, a obra é antecipadora do problema da aceleração da vida, ao perceber e reproduzir imagicamente a atividade frenética que nos condiciona a lutar contra a

² Tratava-se da fábrica de placas para registro fotográfico do próprio pai dos jovens empreendedores, Antoine Lumière.

passagem das horas. E mais, ao reconhecemos a gestação de uma nova temporalidade, é razoável reconhecer na introdução de Tempos Modernos, uma antecipação do pesadelo de uma sociabilidade cansada e ansiosa.

Como mediador para nos ajudar a pensar o fenômeno da aceleração, o filme cria uma série de imagens metafóricas que indicam a causa material desse condicionamento das relações socioeconômicas: a máquina. Mais ainda: o homem-máquina. A incômoda simbiose entre a condição inescapável da repetição e precisão das ferramentas criadas e o seu criador, preso a sua origem orgânica, caminhando juntos para que este seja cada vez mais ajustado a criatura. Porém, esse imbricamento entre eles tem no uso social do tempo seu modelo de orientação. A começar pela própria natureza do vínculo empregatício, que condiciona a apropriação do tempo do empregado. A partir daí, procurou-se criar maneiras de se otimizar as horas compradas com objetivo de permitir a máxima produtividade. E a solução mais efetiva foi a especialização das funções, onde o ser humano repete as mesmas ações até trabalhar de forma semelhante a uma máquina. A repetição leva ao aperfeiçoamento da ação, que será realizada cada vez mais eficientemente. Em outras palavras, mais rapidamente.

No ensino de Filosofia, como lembra o professor Jônadas Techio (2013), o uso de filmes pode ser uma alternativa interessante para se apresentar uma temática, que pode soar árida se esse primeiro contato for feito a partir de textos filosóficos elaborados em contextos de produção acadêmica ou advindos de épocas mais remotas, com uma forma de comunicação distante da realidade dos alunos. O autor salienta, entretanto, que é devido ao efeito narrativo das obras cinematográficas, com suas “técnicas de montagem, foco em profundidade, câmera lenta, *close up*, *travelling* e uso de trilha sonora permitem concentrar a atenção do espectador.” (TECHIO: 2013, p. 232). Assim, pode gerar um efeito sensibilizador nas aulas de Filosofia e, com a intervenção docente, pode ser usado como mediação. É nesse sentido que proponho o uso do filme de Chaplin para apoiar discussões sobre o tempo como categoria filosófica, sua ordenação contemporânea e da ascensão de uma nova temporalidade.

O filme *Tempos Modernos*, apesar de ter sido lançado há quase 90 anos, é um eficiente suporte para conduzir os alunos da Educação Básica a pensar sobre como a maneira da sociedade gerenciar o tempo influencia em nossas experiências coletivas e individuais. A aula de Filosofia é o espaço para se propor essa reflexão, até mesmo para se produzir um sentido de resistência a uma realidade que, entre outras características, desumaniza.

De modo geral, cabe às Ciências Humanas lidar com os processos sociais, no sentido de analisar os acontecimentos, suas causas e efeitos, assim como os fenômenos, naturais ou culturais, que envolvem a existência dos grupos humanos, historicamente falando. Associar contextos

diferentes, interpretá-los, compreendendo-os em suas singularidades e conectividades passa pela apropriação de dois conceitos indispensáveis: espaço e tempo. Observar e investigar fatos; perceber semelhanças e diferenças e reconhecer alteridades são práticas indissociáveis da aprendizagem de História, Geografia, Sociologia e Filosofia. Mas é essa última que trabalha e tem como norte específico a construção de conceitos. Assim como o desenvolvimento de noções atreladas a esses conceitos que ajudam na formação de competências da área que inclui esses componentes curriculares.

Desta feita, a Filosofia tem a função de eixo gerenciador das atividades pedagógicas que miram a integralização de saberes e conhecimentos, na medida em que não produza uma síntese, mas forneça instrumentos teóricos para permitir aos alunos e alunas a elaboração de uma aprendizagem resultante do diálogo de ciências e visões de mundo, não compartimentalizando suas ações em razão de um ensino que divida o mundo em campos distintos de produção intelectual. E por isso, alguns desses conceitos ou categorias de pensamento são ferramentas para dar corpo a um conhecimento que se produza à luz do todo sem desconsiderar a identificação e análise das partes.

Nesse sentido, é mais fácil compreender que o conceito de espaço tem grande importância em um processo de globalização, em que se vive o paradoxo de um mundo que aumenta a experiência desse mesmo espaço na medida em que ele parece diminuir pela aproximação permitida pela tecnologia de comunicação e avanço dos transportes. Entretanto, existe uma outra globalização em curso, menos percebida e/ou compreendida: a globalização do tempo. Este teria uma característica bem marcada: a aceleração. A partir dela, se pode falar em um novo regime de tempo, em que a temporalidade humana se reorganiza no ritmo dessa velocidade. É preciso pensar sobre isso, inclusive, e por que não afirmar, principalmente em sala de aula.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) lembra que a humanidade vem dedicando-se a pensar sobre o tempo, não apenas no campo das reflexões filosóficas, mas também nas Ciências da Natureza. O texto da BNCC expressa com ênfase que “os estudantes precisam desenvolver noções que ultrapassem a dimensão cronológica, ganhando diferentes dimensões, tanto simbólicas como abstratas, destacando noções de tempo em diferentes sociedades.” (BNCC: 2018, p. 563). A propósito, esse último aspecto pode ser compreendido sob o manto do domínio espacial apenas, posto como contemporaneidades territoriais. Então, é preciso lembrar que existem mudanças nas percepções de tempo em contextos diversos, criando dinâmicas de sociabilidade e historicidades singularizadas.

E é aqui que o ensino de Filosofia pode atuar na reflexão sobre como a forma de perceber o tempo orienta a organização da estrutura de funcionamento dos grupos humanos. Muito além de simplesmente articular as relações entre passado, presente e futuro, tanto no nível do discurso como

das ações práticas cotidianas, como resultado de operações cognitivas motivadoras, as noções de tempo são apropriadas dentro do corpo funcional das estruturas produtivas, que articulam toda a cadeia de ordenamento das subjetividades, aqui compreendidas em seu caráter de sujeição a esse mecanismo. Embora pensar sobre como se constrói um modo de vida baseado na logística do aproveitamento máximo do tempo, da otimização como se chama na era pós-industrial, seja imprescindível, há pouco espaço dentro do currículo para fazer das aulas de Filosofia um campo de discussões a esse respeito. Infelizmente até mesmo desconsiderando tantas produções, didaticamente assimiláveis na educação básica, produzidas ao longo da história do pensamento.

Embora alguns pilares conceituais sobre tempo e temporalidade, como Spinoza, Agostinho e Kant tenham discutido e demonstrado como pensar sobre o tempo seja algo inerente a condição humana e como tal reflexão explica, em parte, a fascinação pelo dualismo eternidade/temporalidade imersa nas trocas de experiências e processos de significação, como o aperfeiçoamento intelectual, a religião e a arte, há uma aparente rejeição à metafísica no espaço escolar. Não é difícil imaginar que isso possa estar em consonância com a própria ideia de tempo útil, ou seja, da otimização. Debater problemas práticos do mundo real, isso é ainda o que sustentaria a presença do componente curricular Filosofia na Educação Básica. Talvez conduzir os alunos a perceberem o quão prático é a discussão em torno de como o tempo é negociado, gerenciado e ordenado socialmente seja um caminho para transpor uma falsa noção de que se trata de inútil digressão.

Para tais reflexões é possível buscar para dentro da sala de aula textos que demonstram como ao longo dos séculos é motivo de debate filosófico a maneira como administramos ou é administrado o nosso tempo de vida. Sêneca, pensador que atuou também como político em Roma, lembrava como era lamentável a vida das pessoas muito ocupadas, mas ressaltava como mais triste era a vida daqueles que se ocupavam com as coisas dos outros. Escreveu ele que estes, se quisessem “saber o quanto é breve a própria vida, pensem que pequena parte é de fato sua.” (SÊNECA: 2017, p. 34). É preciso contextualizar a fala do autor. Ele escreve muito antes do mundo industrializado, em que os seres humanos foram depositados dentro de espaços fechados, as fábricas, submetendo seu tempo de vida em prol da geração de lucros cada vez maiores para os donos desses lugares em que se efetiva a produção industrial. E, em troca de um salário, a parte da sociedade desprovida de meios para montar o seu empreendimento maquinal próprio, e derrotada pela concorrência imposta pelas máquinas ao seu antigo modo de vida, tiveram que aceitar a perda de seu bem mais precioso: o tempo. Este foi trocado por um pequeno pagamento que permite as pessoas sobreviverem.

Depois da chamada Segunda Revolução Industrial, Max Weber escreveu que o sistema capitalista cuidou de criar uma ideia de vocação para o trabalho em tempo quase integral. Uma vocação humana. Não é forçoso pensar que o vaticínio “tempo é dinheiro” faça parte dessa lógica.

Pois o tempo é usado para produzir. De onde se extrai a fácil conclusão de que o tempo empregado é proporcional ao capital multiplicado. Daí se cria um sistema que é, ao mesmo tempo, social, político e econômico. Mas desumaniza pelo fato de recondicionar os seres humanos pela renúncia. Segundo Weber, “o limiar do trabalho especializado, com a faustiana renúncia à universalidade do homem que envolve, é uma condição para qualquer trabalho válido no mundo moderno.” (WEBER: 2001, p. 130). Abrir mão para tornar-se, esse é o mantra, se assim poderíamos dizer. Ser ou ter alguma coisa no futuro pressupõe renunciar ao nosso tempo.

Entretanto, admite abrir mão também de pensar. Pois o tempo que é assumido dentro do projeto do outro, como nos indica Sêneca, vai perdendo-se como uma nuvem quando os processos de produção vão redefinindo todo um modo de vida, ou sobrevida. A indústria não só tornou o tempo um bem facilmente negociável, como quando acelerou os processos para maximizar os lucros, tornou quase impossível pensar sobre isso. Como no filme de Chaplin, só conseguimos enxergar os parafusos que precisam ser apertados. E nem mesmo na “sagrada” hora do lanche, em que se poderia conversar com alguma criticidade sobre àquela condição, propõe-se uma não interrupção do processo de produção. Afinal, tempo é dinheiro. O trabalho no século XXI é resultado desse processo. Porém, essa dinâmica de velocidade associada a lógica da otimização há muito saiu de dentro das fábricas. Está em todos os espaços, praticamente. Inclusive dentro das instituições escolares, que talvez pouco discuta isso. Para os alunos se fala em Novo Ensino Médio voltado para desenvolvimento de competências socioemocionais e projetos de vida. Mas, para usar uma palavra que aparece algumas vezes como chave de atuação da área de humanidades na educação formal, é preciso apreender criticamente, tanto os objetos de conhecimento em sua condição teórica, como a leitura do mundo real.

No livro *A corrida para o século XXI*, Nicolau Sevcenko lembra que para nos afastarmos da sensação de estar vivendo em um *loop* de montanha russa devemos nos distanciar um pouco dessa aceleração e contemplar criticamente esse movimento. Ou seja, conseguirmos “uma posição de distanciamento a partir da qual possamos articular um discernimento crítico”, para daí pensarmos na historicidade e amplitude temporal dos processos e poder pensar no futuro. Se ficarmos apertando parafusos o dia inteiro não teremos tempo para esse tipo de reflexão. Parece exagerada a sequência que vemos no filme *Tempos Modernos*, de 1936? Evidentemente, trata-se de uma alegoria, mesmo para àquele tempo. Para refletir sobre essa questão, não se pode esquecer que existe até mesmo uma unidade de medida de produtividade chamada homem-hora, que nada mais é do que uma referência para se calcular a potencial produção realizada por uma certa quantidade de seres humanos trabalhando por determinado tempo. Aplicada a lógica da máxima produtividade, têm-se como

resultado a aceleração do tempo de trabalho, na expectativa matemática da geração de maior efeito na produção, o que gerará melhor custo-benefício e lucro.

Na cena mais conhecida do filme, logo após a introdução já descrita, vemos o personagem principal tentando acompanhar a velocidade na esteira. Além disso, é preciso haver toda uma sincronia entre os realizadores da tarefa, para que não haja interrupções e atrasos. Com efeito, prejuízo. Quando isso ocorre, o chefe do setor se enerva. Infelizmente para os donos do tempo do trabalhador, esse precisa recobrar as suas energias. Para isso, a produção precisa parar para que os operários se alimentem. Eis que surge a solução: uma máquina que serviria para alimentá-los durante o trabalho. Exibida como totalmente automatizada, ela faria tudo, até mesmo tirar a sujeira da boca do empregado quando ele terminasse de mastigar. No teste, ela falha absurdamente, pois acelera o ritmo em que serve comida ao operário cobaia, que não consegue acompanhar. O homem-máquina como processo apresenta falha. Ainda não é dessa vez. Mas a mensagem segue reverberando. É uma questão de tempo.

Durante o século XX, celebrou-se a conquista de um dos sonhos dos movimentos sociais e trabalhistas. Em décadas anteriores se lutava pela divisão do dia entre um tempo para trabalhar, outro para dormir e mais um para o lazer, para o ócio, para aquilo que Weber lembrou ser a universalidade do homem, antes da renúncia ao ascetismo do credo capitalista. Oito horas para cada um desses momentos. Enfim, estaríamos livres para viver. E quem ou o que teria contribuído para isso? Ironicamente, as próprias máquinas. Utopicamente se acreditou que a substituição do trabalho humano por elas iria permitir a geração de tempo livre para outras atividades. Quando as máquinas começaram a ser consumidas pela classe média se acreditou na libertação dos trabalhos manuais e mecânicos, que agora seriam realizados por meios, que ironia, mecânicos.

Não obstante, o que as novas tecnologias digitais de comunicação e informação estão fazendo é tornar a atividade laboral uma ação em tempo integral. Talvez até mesmo mais do que aquelas 14 horas por dia, em média, que se trabalhava no período da primeira para a segunda revolução industrial. Levamos mais trabalho para casa, assim como os alunos também tem mais demandas impostas pelas escolas. O domínio de novas plataformas de trabalho/ensino fez com que mais opções fossem transformadas em mais tarefas a serem realidades. “A vida diária é mecanizada a ponto de se reduzir a um conjunto de ‘encontros’ predeterminados com máquinas.” (MARINOFF: 2014, p. 305). Se isso parece exagero, não esqueçamos que “quando uma máquina lhe apresenta uma lista de opções, já predeterminou todos os modos possíveis de interação e todos os futuros possíveis que o envolvem.” (Ibid., p. 304).

O futuro dos trabalhadores, dos professores, dos alunos, dos seres humanos, é orientado por essa dinâmica de tempo. O componente curricular Filosofia não se ocupa de conduzir os estudantes

na Educação Básica a uma reflexão sobre isso deixa de tratar e instigar os mesmos a pensar a respeito de um dos elementos mais fundamentais de sua vida, de sua vida prática, real. Embora noções de tempo e temporalidade estejam ligadas ao campo da metafísica, que, como já salientei, parece pertencer a dimensão daquilo que não se enquadra hoje na vontade de construir pedagogias associadas ao “mundo real”, diante dos argumentos que procurei trazer à tona, nada parece mais real e impositivo do que pensar sobre nossa relação com o tempo. Inclusive para aquilo que se poderia chamar de elaboração de conceitos.

É esse pensamento sistemático que tem potência para fazer transpor a mera opinião e a cristalização delas em verdades absolutas que não passam de mero senso comum. A Filosofia deve servir a desestabilização desse estado de coisas. A máxima tempo é dinheiro é um desses slogans que, como escreveu o professor Sílvio Gallo, tentam pôr ordem no mundo. Aprender filosofia é ser capaz de resistir a isso, segundo a sua visão. Em duas perguntas, ele põe em questão o que discuto nesse artigo: “Como produzir resistência pelo ensino de Filosofia? Como resistir a aceleração dos tempos modernos e ao império da opinião?” (GALLO: 2012, p. 25). O autor defende uma aprendizagem da Filosofia que vá além de um debate, de discussões que levam em conta apenas a opinião. Sendo assim, é preciso aprender a lidar com os conceitos filosóficos, construir um sentido para eles em sala de aula.

Gallo propõe o uso de um método para as aulas de Filosofia que passa por quatro estágios: sensibilização, problematização, investigação e conceituação. No caso do filme que citei aqui como mediação para discutir a maneira como o tempo é gerenciado na contemporaneidade, o elemento sensibilizador é o próprio texto imagético. Especialmente a primeira sequência. É a partir desse ponto, das imagens que provocam e instigam o espectador/aluno, que partirá as perguntas a serem feitas, e por sua vez, guiarão o processo investigativo.

Mas pode esse filme, lançado em 1936, dizer do mundo de hoje algo a ser significado por nós? Segundo Benedito Nunes, “o objeto estético é datável, situando-se num momento do tempo histórico, por um feixe de relações com os diversos aspectos – político, social, religioso, moral –, que caracterizam esse momento.” Nesse sentido, é preciso situar o filme de Chaplin no contexto entreguerras, na consolidação do taylorismo. Porém, não é também razoável desvinculá-lo da crítica que ele faz, mirando as consequências, de forma antecipadora, da aceleração dos processos, da reificação e do aprisionamento da humanidade. Logo após a imagem do relógio no começo do filme, vemos, de maneira intercalada, a multidão de trabalhadores ser apresentada como ovelhas a caminho do abatedouro, uma clara influência da montagem soviética, que buscava no começo do desenvolvimento da linguagem cinematográfica, construir uma relação de significado entre os quadros, ligando temas visuais aparentemente sem relação.

Embora não tenha sido filmado para falar do mundo no início do século XXI, a obra pode ajudar no processo de mediação para compreendermos como essa aceleração da vida já estava prenunciada pela maneira como se definia uma relação simbiótica entre homem e máquina. O que fica bem desenhado pela impressionante cena em que o protagonista fica preso à engrenagem da máquina, lembrando a frase de Weber, quis o destino de que o “manto se transformasse em uma prisão de ferro”. (WEBER: op. cit. p. 131). Essa cena, inclusive, pode ser usada para construir a problematização na aula, pois ajuda a perceber de que maneira a relação homem-máquina torna confundíveis esse amálgama, do ponto de vista da funcionalidade.

Essa prisão de ferro pode ser visualizada também no efeito do processo de condicionamento. O protagonista, depois de muito tempo apertando parafusos, mecanicamente, quando se afasta da esteira continua fazendo os mesmos movimentos. Sua musculatura segue agindo como se sua vida não mais se desvinculasse da temporalidade própria da linha de montagem. Isso diz muito das pessoas que trabalham tanto que, nos finais de semana ou férias, não mais conseguem tirar a mente da aceleração do cotidiano.

A partir daí, o professor pode conduzir um processo de investigação, que levará em conta também a integralização intercomponente, pois História, Geografia e Sociologia contribuirão para entender de que forma, outras sociedades, na diversidade de tempos e espaços, apresentaram maneiras diferentes de lidar com o tempo e como, dentro do contexto da industrialização e urbanização, a experiência temporal humana conduziu a uma percepção angustiante de aceleração. Um debate sobre como a Internet contribui nesse sentido renderá bons frutos, certamente. Pois, “para tantas pessoas e empresas, velocidade é conectividade. O estado de estar conectado torna-os mais eficientes – talvez até mais ágeis. O triste é que isso faz com que se sintam mais ocupados – talvez até sobrecarregados.” (GLEICK: 2000, p. 71). Assim, após esse processo de investigação e discussão de possíveis conceitos usados pela Filosofia no passado para lidar com a questão do tempo, chegar-se-ia ao processo de construção e aplicação de ideias para lidar no presente com o problema do tempo social acelerado.

Gallo explica que a aula de Filosofia pode ser um espaço para criação de conceitos, mas não criar esses conceitos do nada, por isso é fundamental nos assentarmos naquilo que já foi produzido em outros contextos. Segundo lembra o autor, “se na investigação pela história da Filosofia, encontramos conceitos que são significativos para nosso problema, trata-se, então, de deslocá-los para nosso contexto, recriando-os de forma a apresentarem possíveis soluções.” (GALLO: 2013, p. 28). Por isso, após as etapas anteriores, que começa pela projeção do filme, atravessa o processo de investigação dos aparatos reflexivos fornecidos pela história da Filosofia após a devida

problematização, *Tempos modernos* terá sido um mediador para pensar a ordem social do tempo, herdada da industrialização e impulsionada pela globalização da virada do milênio.

Ao sermos desafiados a responder à questão tantas vezes posta pelos estudantes sobre a razão de estudar Filosofia, lançamos mão de argumentações que, geralmente, procuram atender a imposição do mundo capitalista, ou seja, tentar achar alguma justificativa prática, que se ajuste as demandas do “mundo real”. Contribuir para a o exercício da cidadania ou agir criticamente diante da realidade, por exemplo. Entretanto, talvez não seja mesmo função do conhecimento filosófico procurar atender a esse tipo de critério, produzindo assim sua aceitação como algo relevante. Atualmente, talvez mais que em qualquer outro tempo, aprender filosofia, ou desenvolver uma atitude filosófica, pode ser compreendida como um ato de resistência.

Ao discutir em sala de aula questões como tempo e temporalidade e, mais especificamente, os impactos da aceleração social do tempo em nossa vida, o que queremos da Filosofia é que ela forneça as ferramentas conceituais para agirmos ativamente contra esse mecanismo apressador que é imposto socialmente. Embora seja preciso reconhecer, também contribuímos para nos colocar o tal manto de ferro a que aludi no artigo. Quando, principalmente, deixamo-nos fascinar pelos excessos da rapidez do avanço tecnológico, produtores de fetiches e alienação.

Mas, para produzir conceitos em sala de aula é preciso fazer uso da história do pensamento, dos conceitos que foram produzidos para dar conta de outros problemas ou situações parecidas com as atuais, o que exige na mesma medida que saibamos lidar com as categorias temporais. É desafiante, nesse sentido, o trabalho do professor de Filosofia. Pensando nisso é que propus o uso de um recurso sensibilizador e mediador, o filme. Neste caso, a obra seminal de Charles Chaplin, *Tempos modernos*. Embora tenha procurado ressaltar o contexto em que o filme foi lançado originalmente, é possível admitir que vivemos agora mesmo a acentuação dessa modernidade, em um tempo em que estamos a perder de vista, perigosamente, a passagem do tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Coleção Os pensadores. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2000.

ALVES, Daniel Figueiras. **Imagens filosóficas como estratégias didáticas para o ensino de Filosofia**. *Problemata: Revista internacional de Filosofia*, vol. 9, n. 3, 2018. p. 222-229.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC Ensino Fundamental e Médio**, versão final homologada. Brasília, DF, 2018. Disponível em:

<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>

acesso em 12 de outubro de 2021.

BRITO, Wallace da Costa. **Reflexões críticas sobre a vida acelerada**. ECOS Estudos contemporâneos da subjetividade, Ano 8, v. 01, 2017.

CHARNEY, Leo. **Num instante**: o cinema e a filosofia da modernidade. In. CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa R. (org.) O cinema e a invenção da vida moderna. 2. ed. rev. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

DUARTE, Rosália. **Cinema e Educação**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2009.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1998.

GALLO, Sílvio. **A filosofia e seu ensino**: conceito e transversalidade. Rio de Janeiro, Ethica, v. 13, n. 1, 2006. p. 17-35.

GALLO, Sílvio. **Metodologia do Ensino de Filosofia**: uma didática para o Ensino Médio. Campinas-SP: Papyrus, 2012.

GERVAISEAU, Henri Arraes. **O abrigo do tempo**: abordagens cinematográficas da passagem do tempo. São Paulo: Alameda, 2012.

GLEICK, James. **Acelerado**: a velocidade da vida moderna, o desafio de lidar com o tempo. Rio de Janeiro: Campos, 2000.

GOETJEN, Betina. **O tempo através das mídias**: fotografia, cinema e televisão. 2010. 85 f. Dissertação (Mestrado em Artes). Universidade Estadual Paulista – UNESP. São Paulo. 2010.

JÖNSSON, Bodil. **10 considerações sobre o tempo**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

LIPOVETSKY, Gilles. **Tempo contra tempo, ou a sociedade hipermoderna**. In. LIPOVETSKY, Gilles; CHARLES, Sébastien. Os tempos hipermodernos. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

MACHADO, Maíra Saruê. **Modernidade, Cinema e temporalidade**. 2007. 306 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

MARINOFF, Lou. **Pergunte a Platão**. 11ª Ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2014.

NAPOLITANO, Marcos. **Cinema: experiência cultural e escolar**. In: TOZZI, Devanil et al. (Org.). Caderno de cinema do Professor. V. 2 – Luz, Câmera, Educação, São Paulo: FDE, 2009.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

NUNES, Benedito. **Introdução à Filosofia da Arte**. 5ª Ed. São Paulo: Editora Ática, 2000.

NUNES, Rosane de Freitas Franco Antunes. **Análise do tempo na formação do pensamento filosófico nas aulas de Filosofia no Ensino Médio**. 2018. 11 f. Artigo (Especialização em Ensino de Filosofia no Ensino Médio). Universidade Federal de Santa Maria, Novo Hamburgo, 2018.

POMIAN, Kryzysztof. **Tempo e temporalidade**. In. Enciclopédia Einauld. Volume 29. Portugal: Imprensa nacional, 1993.

POURRIOL, Ollivier. **Cinefilô: as mais belas questões da filosofia no cinema**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

ROSA, Hartmut. **Aceleração**. A transformação das estruturas mentais na modernidade. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

ROSSI, Vera Lúcia Sabongi de; ZAMBONI, Ernesta. **Quanto tempo o tempo tem!** Campinas: Alinea, 2003.

SAYURI, Juliana. Porque estamos mais acelerados segundo este historiador: entrevista com Rodrigo Turin. Publicado no site Nexo em 27 de abril de 2019 e atualizado em 03 de maio de 2019. Disponível em: < <https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2019/04/27/Por-que-estamos-mais-acelerados-segundo-este-historiador>> acessado em 10 de outubro de 2021.

SÊNECA. **A brevidade da vida**. São Paulo: Penguin Classics/Companhia das Letras, 2017.

SEVCENKO, Nicolau. **Corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

COMTE-SPONVILLE, André. **O ser-tempo: algumas reflexões sobre o tempo da consciência**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

TECHIO, Jônatas. **Cinema e Filosofia: por quê? Como? Onde? Diálogos com a escola: experiências em formação continuada em Filosofia na UFRGS, Porto Alegre, 2013**. p. 229-252.

TEMPOS MODERNOS. Direção: Charles Chaplin. Produção: Charles Chaplin. Roteiro: Charles Chaplin. Estados Unidos: 1936. 1 DVD (97 minutos). Color. Título Original: Modern Times.

THOMPSON, Edward P. “**Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial**”. In *Costumes em Comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

TOULET, Emmanuelle. **O cinema, invenção do século**. São Paulo: Objetiva, 1998.

VANIN, Andrei Pedro; SANTOS, Henrique de Lima. **Uma análise sobre a prática do Ensino de Filosofia com a criação de conceitos**. Documento Digital. Disponível em https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/373/2019/06/Regional_Erechim_2013-2-1-1.pdf acesso em 01 de fevereiro de 2021.

WEBER, Max. **A ética Protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

WHITROW, Gerald James. **O que é tempo? Uma visão clássica sobre a natureza do tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

WHITROW, Gerald James. **O tempo na história:** concepções de tempo da pré-história aos dias atuais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993

PIMENTA, João Paulo. **O livro do tempo:** uma história social. São Paulo: Edições 70, 2021.

WHITROW, Gerald James. **O tempo na história:** concepções de tempo da pré-história aos dias atuais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.